

CAPITALISMO E MEIO AMBIENTE NO MARXISMO ECOLÓGICO

Joseane Maisa dos Reis (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Roger Domenech Colacios
(Orientador). E-mail: ra119864@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte/
Maringá, PR.

Ciências Humanas/ Educação

Palavras-chave: Capitalismo; Meio ambiente; Estado.

RESUMO

Esta pesquisa de iniciação científica pretende realizar uma revisão de literatura em alguns dos principais autores do chamado marxismo ecológico. O objetivo é mapear, nesses autores, a relação que fazem entre capital e meio ambiente. Para este propósito buscamos autores representativos da relação entre meio ambiente e capitalismo, que estão alinhados ou aproximados a uma leitura marxista desta relação. Enquanto aspecto metodológico temos a utilização das concepções de capital, trabalho, meio ambiente e natureza no marxismo ecológico, tendo como diretriz teórica o materialismo histórico-dialético, e o recurso, na parte técnica, à pesquisa bibliográfica. Os resultados indicam, que a revisão de literatura foi fundamental para entendermos melhor os conceitos Capitalismo, meio ambiente e Estado.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de âmbito da iniciação científica, tem como objetivo geral fazer uma revisão de literatura nos principais autores do marxismo ecológico para entender a relação entre o capital e o meio ambiente. Enquanto objetivos específicos são: discutir os processos históricos-conceituais da falha sociometabólica no capitalismo; analisar trabalho, meio ambiente e capital na constituição do ser social e investigar os encaminhamentos teóricos da educação ambiental crítica. Para a realização da proposta buscamos autores representativos da relação entre capitalismo e meio ambiente e que se alinham ou estão aproximados a uma leitura marxista desta relação. Esta investigação possibilitou verificar a relação sobre capitalismo, Estado e natureza, contemplando sobre o trabalho e educação, e procurando aprofundar na conexão entre a sociedade e o meio ambiente. Tendo em vista o que foi proposto pelo plano de trabalho, no decorrer da realização do projeto efetuamos atividades de coletas de fontes primárias e secundárias, leitura e fichamentos de bibliografia sobre os temas pertinentes à pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem como horizonte teórico-metodológico o materialismo histórico-dialético. No materialismo histórico-dialético, o caminho metodológico parte do pressuposto de sua cisão entre duas etapas: método de pesquisa (ou investigação) e o método de exposição (ou análise). A primeira etapa, a investigação é marcada pela obtenção do material básico da pesquisa, utilizando-se das técnicas disponíveis em busca de abarcar a totalidade possível do objeto em foco (Netto, 2011). A exposição ou análise do material coletado irá se valer dos resultados obtidos na investigação. Tratando-se da pesquisa aqui proposta, o método de exposição segue para as complexas relações entre ser humano e natureza na sociedade contemporânea. Por ser um caminho com várias possibilidades analíticas dentro do próprio marxismo, embora todas desembocam na mesma matriz, escolhemos a perspectiva educacional para a realização da análise dos autores marxistas ecológicos listados acima. Mais especificamente, iremos nos valer dos procedimentos de exposição ofertados pela Educação Ambiental, em sua vertente crítica (Netto, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O equilíbrio da natureza é imensamente delicado, que prontamente, o homem pode modificar de forma irreversível, pois a natureza não é um reservatório inacabável de recursos. A longo prazo, a coletividade, em nenhum momento é indenizada pelo desperdício dos recursos ambientais e naturais e pela destruição, nem em termos sociais como também em termos econômicos. Com esse propósito, é necessário debater não somente as relações de produção, porém também o como, onde, o quê, quando produzir, entre outros (Tiezzi, 1988). Os Estados antigos procuravam um poder sustentado em desigualdade e hierarquia, o afastamento básico era a que separava o entre o grupo governado e o grupo governante. Conforme Singer; Araújo e Belinelli (2021):

Estados e violência estiveram permanentemente relacionados, embora não sejam sinônimos. O uso de força contra o semelhante acompanha espécie humana desde sempre, dentro ou fora do Estado, as unidades estatais plasmaram a violência baseada na hierarquia, violência planejada e autorizada, seja para punir ou controlar a população submetida, seja para fazer a guerra com o exterior (Singer; Araújo; Belinelli, 2021, p. 24).

Dessa perspectiva, o tipo de argumentação estimulado se distancia tanto daquele sustentado por Marx, que compreendia o Estado como aparato relacionado aos interesses da classe dominante, quanto do elaborado por Engels, para quem a autonomia do Estado só se determinava em momentos específicos (Singer; Araújo; Belinelli, 2021). O poderio do Estado seria inesperado coincidente aumento do capitalismo e vice-versa.

Como é evidente, estamos longe de respostas à *la carte* que são ofertadas por um ecologismo, apesar de quase sempre bem-intencionado, em que é manipulado sabiamente pela mídia nos convidando a cuidar do lixo nosso de cada dia. Conforme

Porto- Gonçalves: “Faça a sua parte, convidam-nos, como se a parte de cada na injustiça ambiental que impera no mundo fosse de responsabilidade igual de cada um, como se o todo fosse a soma das partes, cada qual igual a outra” (Porto-Gonçalves, 2015, p.15). Nos tem sido oferecido um caminho fácil, no qual devemos inclinar sobre soluções técnicas, práticas para a resolução dos graves problemas de desmatamento, de erosão, poluição. Isso distancia-se da problemática ambiental que é, principalmente, uma temática de ordem filosófica, política e ética.

Quando se diz sobre desafio ambiental, é apresentado uma lista de questões, como, desmatamento, lixo urbano, efeito estufa, poluição industrial das águas, da terra e do ar, entre outros. Entretanto, não eram discutidos de modo amplo quanto após os anos 1960 (Porto-Gonçalves, 2015). O desafio ambiental se estabelece junto com o período histórico que surge ali nos anos 1960 e 1970. Segundo o autor “Portanto, aquilo que o ambientalismo apresenta como desafio é, exatamente, o que o projeto civilizatório, nas suas mais diferentes visões hegemônicas, acredita ser a solução: à ideia de *dominação da natureza* do mundo moderno-colonial” (Porto-Gonçalves, 2015, p. 61). O ambientalismo posiciona-nos perante a questão de que *há limites para a dominação da natureza*. Deste modo, mais que um desafio técnico, estamos face a face de um desafio político e civilizatório. Desenvolvimento é um nome abrangente para os pensamentos que governam a natureza. Afinal, desenvolvimento e urbanização, e industrialização, enfim, tudo aquilo que nos afasta da natureza e nos coloca diante das construções humanas, como as cidades, como a indústria. Uma crítica à ideia de desenvolvimento requer, portanto, que se imagine outras perspectivas que não o liberalismo ou o socialismo, ou pelo menos liberar essas perspectivas do desenvolvimentismo que as permeia. Ao criticar essa ideia-chave do desenvolvimento, os ambientalistas são frequentemente acusados de pretender retornar ao passado, ao estado de natureza, contra o desenvolvimento e o progresso (Porto-Gonçalves, 2015). A procura contínua de aumento de produtividade, mais-valia e de conquista de mercados, faz-se por meio de uma constante troca do trabalho vivo por trabalho morto, ou seja, máquina. Que quer dizer retrair o envolvimento do componente subjetivo, mais conhecido como trabalhador, do domínio sobre o processo de trabalho e da matéria. Conforme o autor: “Na sociedade capitalista, a técnica visa ao aumento de produtividade, o que já implica um tempo próprio, que é o tempo da concorrência. Quanto maior o controle sobre o processo de trabalho, maior é a possibilidade de se atingir o objetivo” (Porto-Gonçalves, 2015, p. 82). Desta forma, em uma sociedade capitalista, toda técnica tem que proceder essa dominação de forma dobrada: maior dominação sobre os homens e mulheres, assim como, sobre a natureza. E também tem que resolver o problema da concorrência entre os capitalistas, sendo assim, tendo que subordinar todo o processo de produção ao controle máximo. Portanto, a privação é tornar um bem escasso, logo, em uma sociedade em que tudo mercantiliza, um bem só tem valor econômico se é escasso. Dessa maneira, tanto a propriedade privada, quanto o surgimento da escassez que controla a sociedade capitalista e suas teorias liberais de apropriação dos recursos naturais. Conforme o autor: “Ocorre que a ideia de riqueza é o contrário de escassez, e aqui reside uma das maiores dificuldades da economia mercantil em incorporar a natureza como riqueza, como algo que é

abundante, um bem comum (Porto-Gonçalves, 2015, p. 289). O desafio ambiental posiciona-nos perante a necessidade de falsificar novas teorias que consideram como base a riqueza e não a escassez. Em suma, requer que se vá para além do capitalismo.

CONCLUSÕES

É notável que as discussões de anos atrás são reais nos dias atuais. Tal como, o homem pode modificar a natureza de forma irreversível, porque a natureza não é reservatório inacabável de recursos. Assim como, sempre culpabilizada individualmente, pelos desperdícios dos recursos naturais e ambientais. Deixando de lado a problemática ambiental, que é uma temática política, filosófica e ética. Assim, na sociedade capitalista, toda técnica deve proceder dessa dominação de forma dupla: uma dominação maior sobre homens e mulheres e uma dominação maior sobre a natureza. Também deve resolver o problema da competição entre os capitalistas, que exige todo o processo de produção ao máximo. Então a privação é tornar um bem escasso, em uma sociedade onde tudo é comoditizado, um bem só tem valor econômico se for escasso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá e ao CNPq pela oportunidade de realizar esta pesquisa, que foi fundamental para o meu crescimento pessoal e profissional. Também gostaria de agradecer ao meu orientador, Roger Colacios, pela paciência, dedicação e ajuda neste projeto.

REFERÊNCIAS

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C. W. 1949. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 6ªed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SINGER, A; ARAÚJO, C; BELINELLI, L. **Estado e Democracia**: uma introdução ao estudo da política. 1ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TIEZZI, E. **Tempos históricos, tempos biológicos**: a Terra ou a morte: os problemas da nova ecologia. São Paulo: Nobel, 1988.